

Os Mais Belos Quadros do Mundo

Nesta seleção de pinturas, escolhidas entre as mais belas de diversas épocas, eu me baseei apenas em preferências pessoais; todas porém representam o que há de melhor em arte.

A cada quadro acrescentei anotações que servirão de complemento informativo, mas a apreciação de cada obra, por si só, é suficiente para o enriquecimento interior de cada um.

Vá, portanto, em frente: desfrute de bons momentos na companhia dos grandes mestres.

Gil Cleber
Pintor

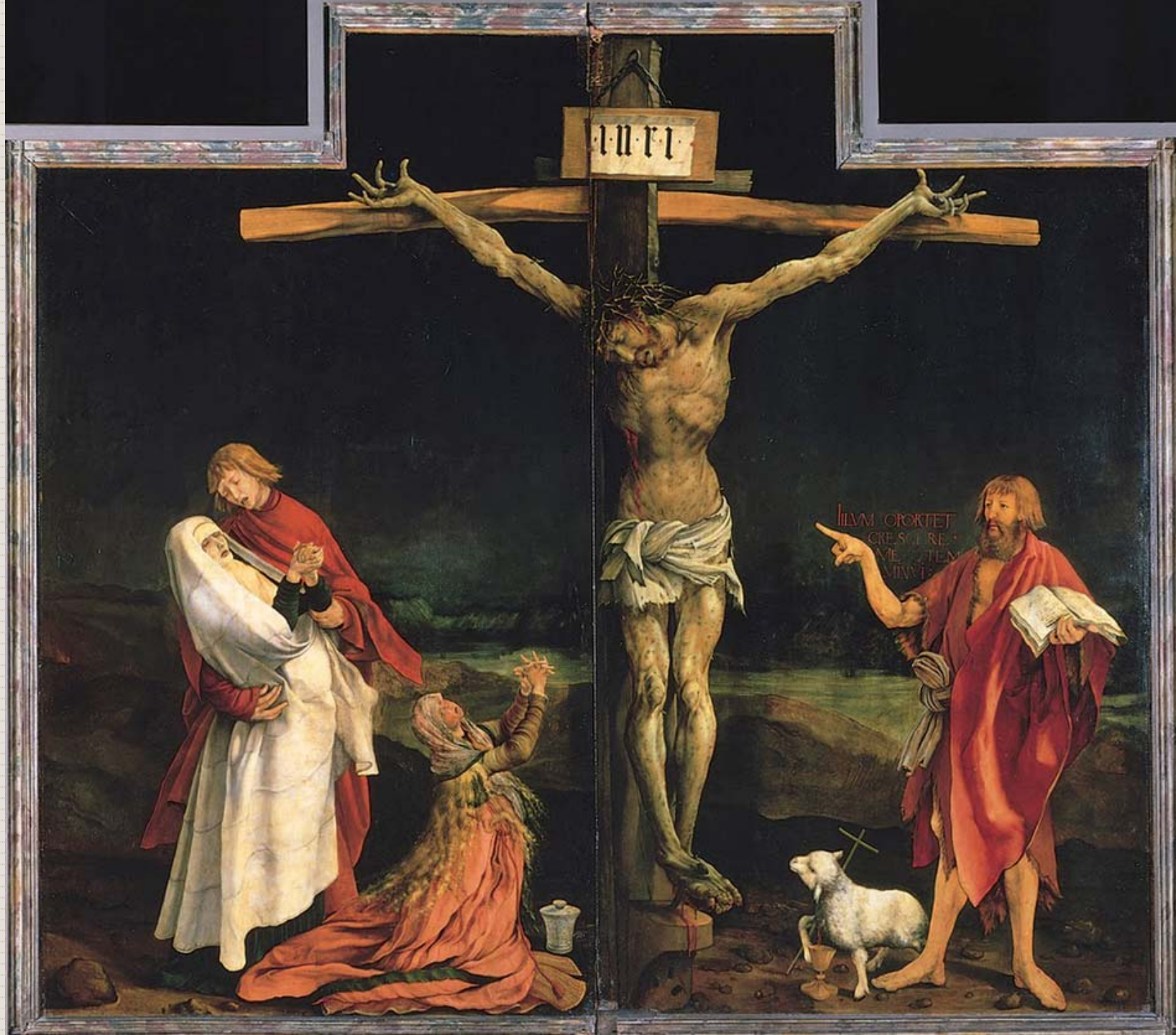
Santa Madalena

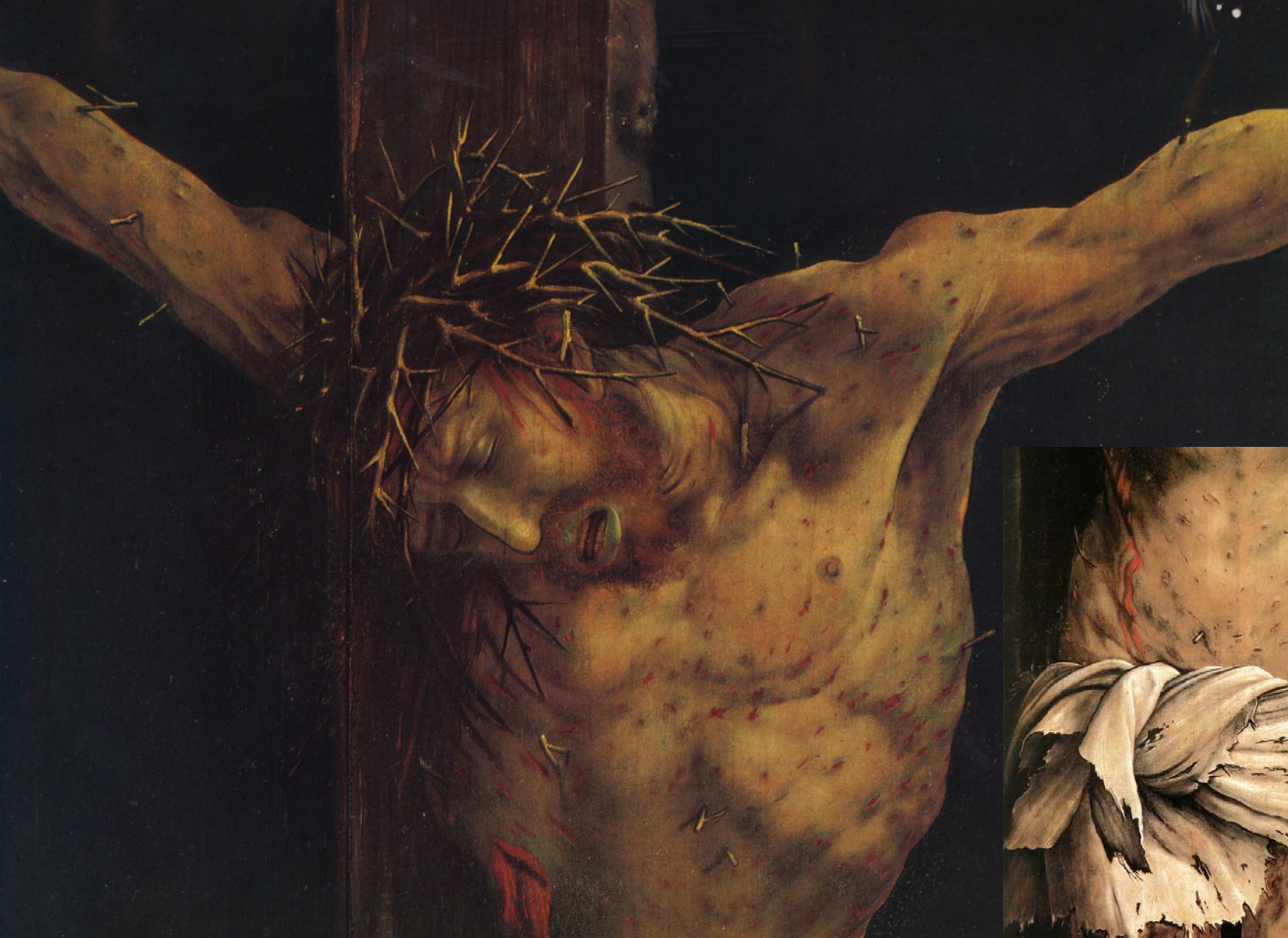


Roger Van der Weyden

óleo sobre madeira (?), 41 cm x 34 cm, 1451-52

“O retrato de Santa Madalena é uma anotação verista da personalidade estudada a que se mescla a representação sacral. Detalhes religiosos e profanos misturam-se na mesma figura: o traje da santa hesita entre a simplicidade do manto azul e a riqueza do brocado. A inexistência de motivos arquitetônicos no quadro coloca o personagem dentro de uma unidade: a natureza ao fundo e dos lados como que dimensionando-o num contexto terrestre e imediato.” (Coleção Gênios da Pintura, Ed. Abril)





Este é o painel central do Retábulo de Isenheim.
É uma das mais assombrosas crucificações, como se pode ver neste detalhe, em que se destaca a carne macerada de Cristo, os ferimentos, as farpas que se enterram em sua pele, a magreza do corpo, a expressão de dor fixada pela morte.

As bodas do casal Arnolfini

Jan Van Eyck

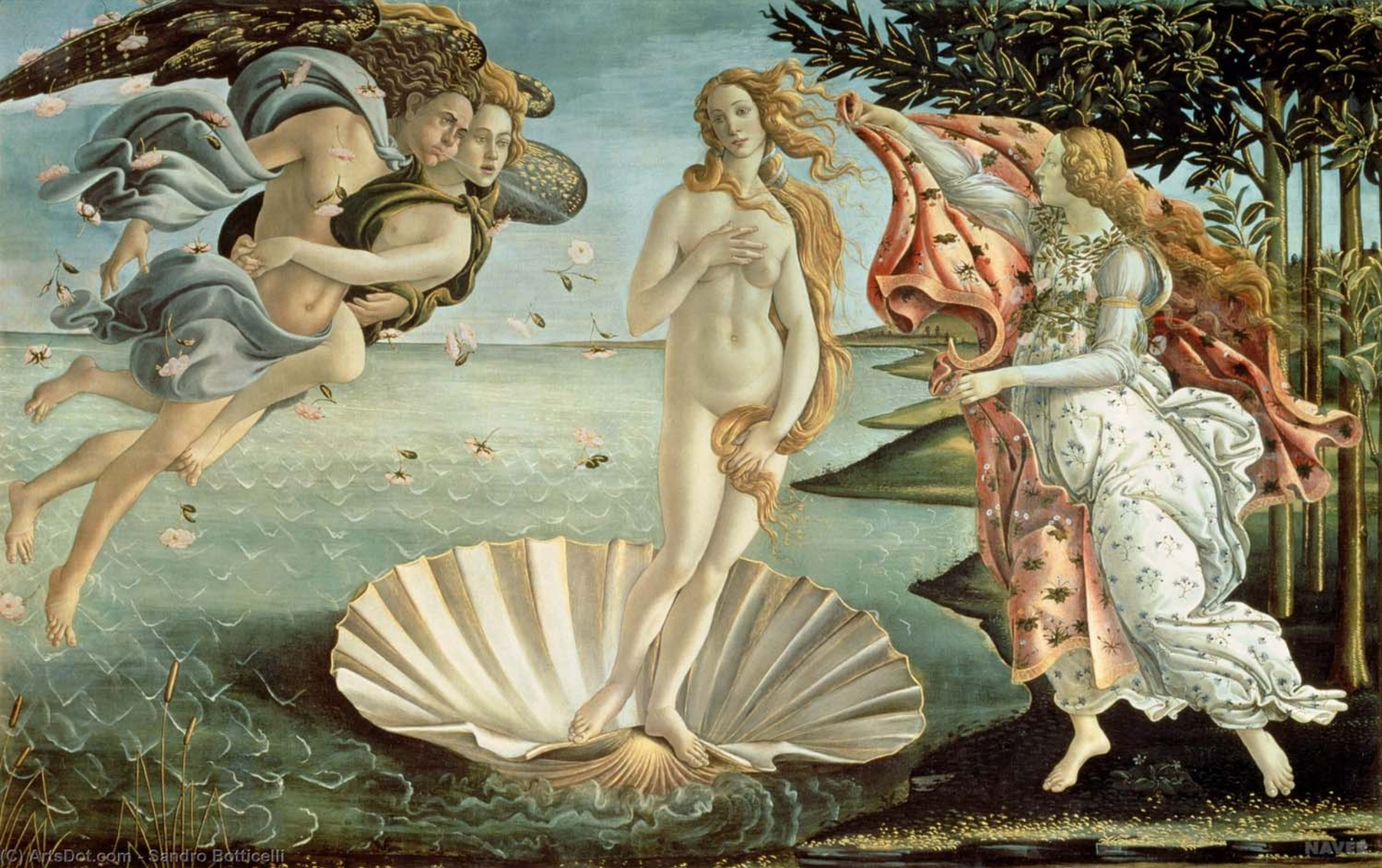
óleo sobre madeira, 81,8 x 59,7 cm, 1454

National Gallery, Londres

Os jovens Giovanni Arnolfini e Giovanna Cenami celebram seu casamento. No lustre há uma vela acesa: era costume em Flandres à época acender-se uma vela por ocasião dos atos oficiais. Ele tem a expressão séria, levanta solenemente a mão direita enquanto toma com a esquerda a mão da noiva num gesto de carinho. Aos pés do casal, um cãozinho, símbolo da fidelidade, e numa arca à esquerda e na janela algumas maçãs, que ao mesmo tempo falam de fertilidade e insinuam a atração e sensualidade femininas.

Na parede ao fundo há um espelho convexo que reflete todo o quarto. Se fosse possível observar em detalhe esse espelho, veríamos que ele retrata em sua borda dez cenas da paixão de Cristo, pintadas em tamanho minúsculo. O espelho amplia o espaço da obra e nos mostra que o jovem casal não está só: há mais duas pessoas ali, uma delas o próprio pintor, que deixou na parede seu testemunho em latim: “Johannes Van Eyck fuit hic” (Johannes Van Eyck esteve aqui, 1434). Mas quem será a outra pessoa? Será talvez um de nós que o artista conduz pela mão – não apenas para observar sua obra, mas para ingressar nesse espaço mágico e sagrado e integrar-se com ele.





O Nascimento de Vênus

Sandro Boticelli

Óleo sobre tela, 1,72 m x 2,78 m, 1485

Galeria Degli Uffizi, Florença



No centro da pintura, a deusa do amor nasce das espumas das ondas. Vemos à sua direita Zéfiro, o vento oeste, enquanto à esquerda uma ninfa acode com um manto. Vênus não é mulher, mas a representação do amor, frágil e delicada cobre os seios e o sexo instintivamente e olha para um ponto qualquer indefinido, mas nada sugere de erótico. O que torna oportuno o gesto da ninfa em procurar ocultar-lhe a nudez é a sensação de espiritualidade que emana de sua expressão doce e serena, e da delicadeza de seu gestual.

Estudiosos do pintor vêem na quietude do quadro a transição do artista para uma fase de recolhimento e rígida retidão moral.



As tentações de Santo Antão

Hieronymus Bosch

Óleo sobre madeira, 1,31 m x 2,38 m, 1495-1515

Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

É difícil escolher uma única dentre as emblemáticas pinturas de Bosch. Quadros como "Cristo descendo ao Inferno" ou "Cristo no limbo" são tão assombrosos quanto quaisquer outros do grande pintor holandês.

Figura aqui o tríptico "As tentações de Santo Antão", com toda a força de sua carga alegórica, repleto de símbolos que deixamos à sensibilidade do espectador tentar decifrar.

A Virgem dos Rochedos

Leonardo da Vinci

óleo sobre madeira, 1,89 m x 1,20 m, 1503/06
National Gallery, Londres

Obra feita para adornar o altar da Igreja de San Francesco Grande, em Milão. Não chegou a ser concluída e foi retirada da igreja milanesa no século XVIII.

Há duas versões, quase idênticas, do mesmo tema, sendo que segundo a crítica esta é a melhor.

Tida como uma das grandes realizações de Leonardo.





Monna Lisa

Leonardo da Vinci

óleo sobre madeira, 76,8 x 52,7 cm, 1503

Louvre, Paris

O quadro começou a ser pintado em 1503, tendo Da Vinci gastado cinco anos nele. O mês de abril de 1519 Da Vinci passou na cama, tendo junto a si este quadro e também A Virgem e o Menino e o São João Batista. Recebeu em 2 de maio a visita do rei Francisco I, quando então veio a falecer.

A Monna Lisa tornou-se o mais célebre quadro do mundo e deu também origem a um grande debate: quem seria a jovem retratada? Será a mulher de Francesco di Zanobi del Giocondo? Ou Constança d'Avalos, Duquesa de Francavilla? Há quem afirme que o enigmático sorriso é de um rapaz travestido, e houve quem chegasse a especular (grande bobagem) que se tratava de um autorretrato de Da Vinci! Parece, contudo, que se trata mesmo de Lisa Gherardini, a esposa do rico florentino del Giocondo que o encomendou ao pintor.

Madona no Prado



Rafael

óleo sobre madeira, 113 cm x 88,3 cm, 1505-6
Museu de História da Arte, Viena

Segundo a crítica, ao instalar-se em Florença em 1506 Rafael encontrou um mundo florescente de arte, dominado por Leonardo Da Vinci e Miguelângelo. Teria sido, contudo, influenciado por Da Vinci, o que se reflete na estrutura piramidal do quadro e no rosto sutilmente sorridente da Virgem, que lembra o sorriso da Gioconda.



Madona da Poltrona

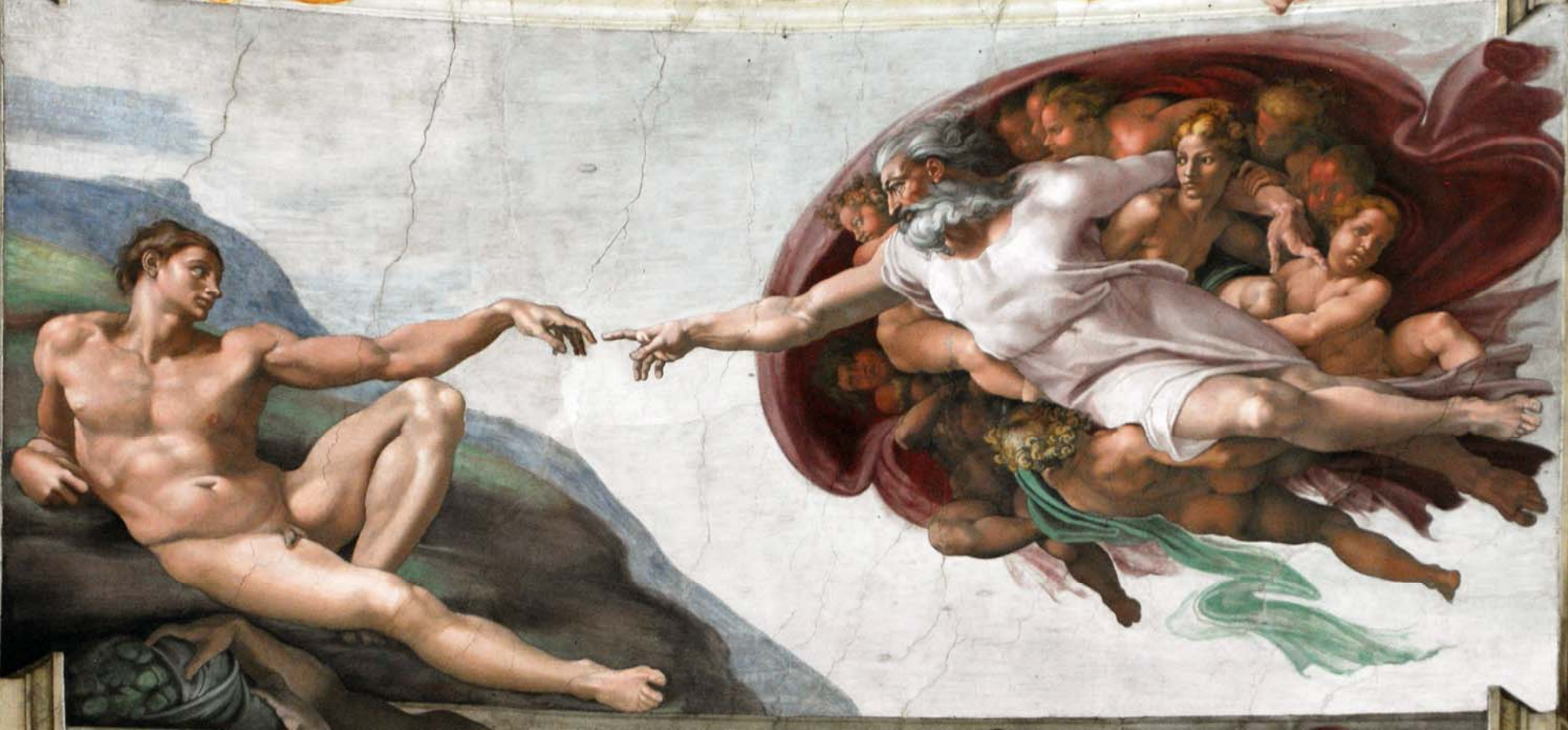
Rafael

71 cm de diâmetro, 1510 (?)

Palácio Pitti, Florença

Rafael morreu muito jovem, com apenas 37 anos, sendo no entanto um dos maiores pintores de todos os tempos.

Não vemos provavelmente, neste quadro, uma santa, mas uma mulher, ou melhor, uma mãe com seu bebê ao colo. “A humanização das figuras compromete o misticismo” cujo tom é conferido, a meu ver, pelo anjo que aparece em segundo plano, à direita, “mas a beatitude eleva a um nível irreal a expressão humana” (Coleção Gênios da Pintura, Ed. Abril).



A criação de Adão

Miguelângelo

Afresco, 2,8 m x 5,8 m, 1511-12

Capela Sixtina, Roma

No imenso painel, no teto da Capela Sixtina, destaca-se entre outras representações a criação de Adão.

Vemos Deus no momento em que confere vida a um Adão idealmente perfeito e belo, como deveria ser antes da queda.



A Sagrada Família

Rafael

óleo sobre tela, 1,14 m x 1,15 m, 1518

Museu do Prado, Madri

Este quadro também é conhecido como “A Pérola”, devido à frase exclamativa de Felipe IV sobre a obra, ao vê-la pela primeira vez.

Composição genial, o que chama mais atenção à primeira vista é a textura da carne do menino e do anjo, que parece ter vida.

Diz-se que alguns detalhes do quadro devem-se a discípulos de Rafael, devido ao grande número de encomendas que o pintor recebia.



O Inverno

Giuseppe Arcimboldi

óleo sobre madeira, 67 cm x 52 cm, 1518

Museu Histórico da Arte, Viena

Arcimboldi é considerado um precursor do surrealismo, com suas alegorias das quatro estações, dentre outras.

Embora eu considere essa classificação como improcedente, é fora de dúvida que sua abordagem, extremamente lírica, tende para o fantástico.

O Inverno é uma das mais bem realizadas em sua expressividade agressiva, à qual o artista alia uma técnica realista invejável.

A Virgem e o Menino

Luiz de Morales

óleo sobre madeira (?), 57cm x 40 cm, 1520(?)
Museu do Prado, Madri

Uma das mais delicadas representações da Virgem com o Menino.

Aqui a santa se converte em uma mãe comum, carnal, e o filho ao tocar-lhe o seio não é o Filho do Homem, mas apenas uma criança querendo o leite materno. É um momento de profunda integração entre mãe e filho, ambos distantes então de sua missão mística no mundo.





Judite com a cabeça de Holofernes

Lucas Cranach, o Velho

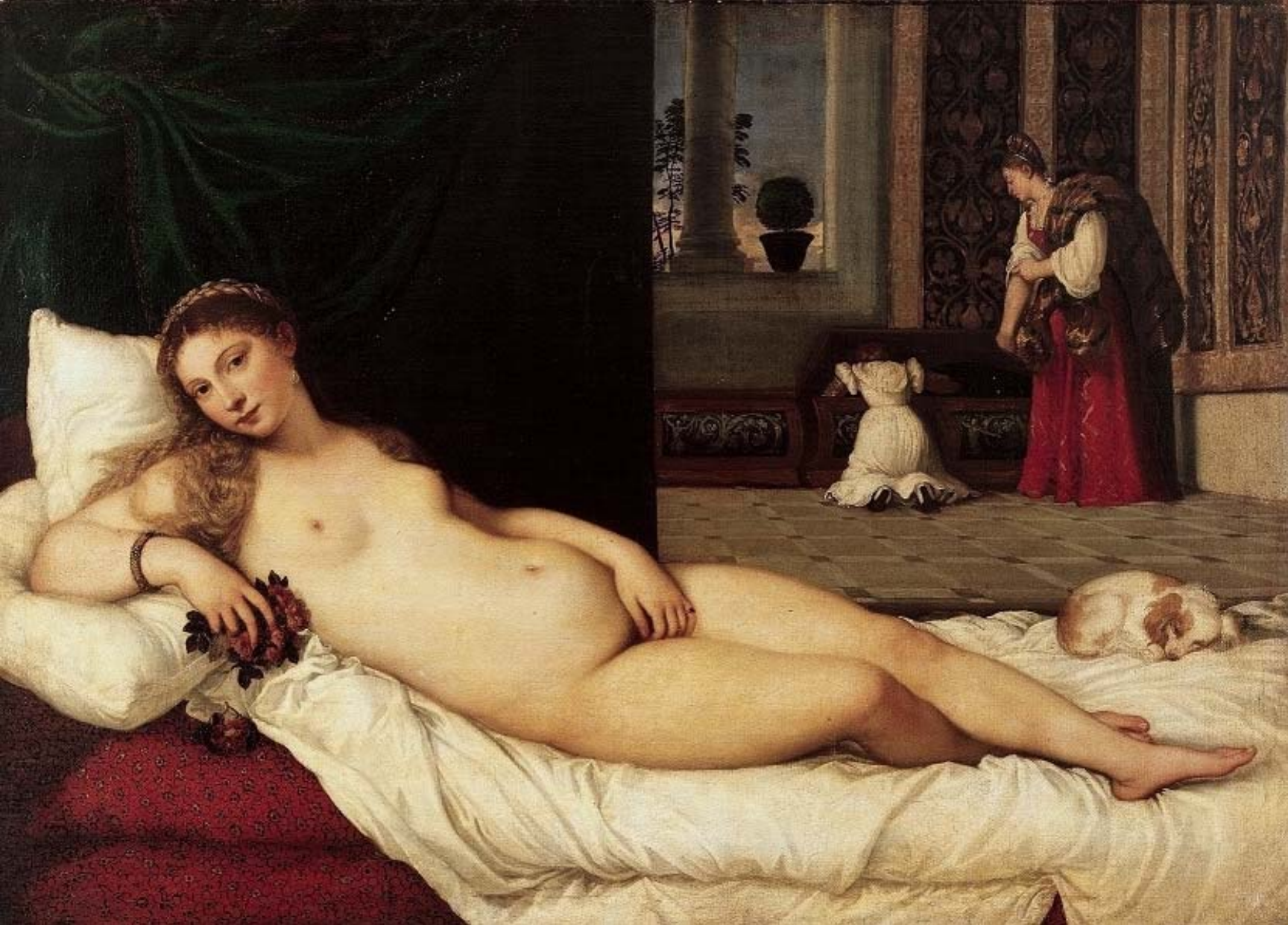
óleo sobre madeira, 87 cm x 56 cm, ±1530

Museu de História da Arte, Viena

À primeira vista destaca-se o detalhamento do vestuário, principalmente as luvas, e dos cabelos.

Somente mais tarde percebemos o olhar fixo de Judite em um ponto indefinível à sua frente.

Após decepar a cabeça de Holofernes, a expressão da heroína é enigmática: triunfo, satisfação? Não sabemos — ela está profundamente pensativa e nada deixa transparecer, enquanto segura a espada e a cabeça numa atitude tranqüila e quase maquinal.



A Vênus de Urbino

Ticiano

óleo sobre tela, 1,18 m x 1,65 m, 1538

Galeria degli Uffizi, Florença

A Vênus mitológica converte-se numa mulher jovem e bela, que apesar do olhar insinuante (lembrando a Maja de Goya), não possui a mesma intenção de lascívia, e cobre o sexo num gesto porém descomprometido de pudor, enquanto suas criadas de quarto procuram suas vestes no baú, ao fundo do aposento.

Alegoria do Amor

Ângelo Bronzino

óleo sobre madeira (?), século XVI



Esta é uma alegoria do Amor em sua plenitude, na qual uma jovem mulher se deixa tocar por Cupido e até segura uma de suas flechas. Foi seduzida e entrega-se, mas não se dá conta das conseqüências: ao fundo, à esquerda, está a loucura desgrendando-se, e ao centro um rosto angelical surge de um corpo de fera — o Amor sempre tem duas faces.

É uma pintura extraordinária, cheia de símbolos: deixemos que o espectador os descubra, “viaje” através deles, recrie a alegoria com sua própria sensibilidade...

O triunfo da Morte

Peter Bruegel

óleo sobre madeira (?), 1562

A multidão, acoçada pela Morte, que, montando um cavalo esquálido e brandindo uma enorme foice, comanda seu exército, tenta desesperadamente escapar de seu inevitável fim.



A Torre de Babel



Peter Bruegel
óleo sobre madeira, 1,14 m x 1,55 m, 1563
Museu Kunsthistorisches, Viena

Uma das obras mais representativas de Bruegel, a Torre de Babel ergue-se até as nuvens no meio da paisagem. Ressaltam sua grandiosidade a figura minúscula da cidade aos seus pés.



A Parábola dos Cegos

Peter Bruegel

óleo sobre tela, 0,86 x 1,54 m, 1568

Museu Nacional de Capodimonte, Nápoles

Uma alegoria da condição humana: cegos sendo guiados por outros cegos e condenados à inevitável queda.



A Infanta Isabel Clara Eugênia

Alonso Sanchez Coelho

óleo sobre tela, 1,16 m x 1,02 m,
1579

Museu do Prado, Madri

Destaca-se não apenas a riqueza de detalhes do luxuoso vestuário da infanta, porém a lassidão de sua mão direita apoiada no recosto da cadeira, a expressão tranqüila de seu olhar, dirigido diretamente para o espectador, e a delicadeza com que o pintor logrou captar o contorno dos lábios.



(C) WahooArt.com

A Última Ceia

Tintoretto

Óleo sobre tela, 3,65 m x 5,68 m, 1592-94
San Giorgio Maggiore, Veneza

Num cenário de penumbra, onde a principal fonte de luz provém do Filho do Homem, o pão é repartido enquanto uma revoada de anjos transparentes assiste a cena.

Amor Vencedor

Caravaggio

óleo sobre tela, 1601-1602



Violento e arruaceiro, Caravaggio teve uma vida turbulenta: pintava durante dias seguidos, depois interrompia o trabalho e passava a embriagar-se e provocar brigas, passando várias vezes pela polícia. Exilado de Roma por ter matado um homem numa briga, permaneceu fora alguns anos esperando o perdão papal. Quando tenta voltar, salta em Porto Ércole; acaba perdendo o navio; e também ali adoece e morre, não tendo completado ainda 40 anos.

A tela “Amor Vencedor”, uma de suas mais belas obras, foi pintada para o Marquês Giustiniani. Causou escândalo à época e chocou o público por seu erotismo. Observa-se como a asa parece acariciar suavemente a perna do menino.

Sepultamento de Cristo

Caravaggio

óleo sobre tela, 3,00 m x 2,03 m, 1601-1604

Pinacoteca do Vaticano



Artista excêntrico, para pintar o quadro “A morte da Virgem” valeu-se do cadáver inchado de uma prostituta, e para “A ressurreição de Lázaro” obrigou seus ajudantes, sob ameaça de um punhal, a segurarem por várias horas o cadáver de um homem.

Neste quadro, destacam-se o realismo do corpo de Cristo e o rosto envelhecido da Virgem Maria. Caravaggio declarava, em mais uma de suas atitudes provocativas, tê-la retratado “exatamente como ela deveria ser”.

Sepultamento de Cristo

Rubens

Óleo sobre Tela, 4,62 m x 3,14 m, 1610

Onze-Lieve-Vrouwekatedraal

Esta pintura foi encomendada a Rubens para o retábulo principal da igreja de St. Walburga, região da Antuérpia, nos Países Baixos.

Há uma notável semelhança com a pintura de Caravaggio. Naquela, os gestos são mais grandiloqüentes; em ambas, porém, percebe-se a figura idealizada de Cristo.





Cabeça de uma criança

Rubens

óleo, 36,8 cm x 26,6 cm, 1618

Coleção Vaduz, Liechtenstein

O que me desagrada em Rubens é que, aliando genialidade e interesses comerciais, o artista fez de seu ateliê uma verdadeira indústria de arte. Seus discípulos eram meros instrumentos de pintura, e muitas de suas produções o mestre assinava como suas, de forma que quando se olha para uma tela de Rubens nunca se sabe o que foi pintado por ele ou por um discípulo.

(No célebre quadro “Caça ao Hipopótamo”, p. ex., feito para decorar o palácio do Duque da Baviera, valeu-se de um especialista em pintura de animais, Franz Snyders, para retratar as feras presentes na tela.)

A menina da pintura ao lado é Clara Serena, filha do artista, morta em 1623 com apenas doze anos de idade. “É bem possível que um trabalho tão informal tenha sido realizado por razões pessoais”. (cf. “Os Grandes Artistas, Editora Abril)



As Três Graças

Rubens

Óleo sobre madeira, 2,21 m x 1,81 m,
1636-38

Museu do Prado, Madri

As Graças eram as filhas de Zeus, deusas da alegria e dos festejos.

A personagem da direita é a segunda esposa de Rubens, Helena Fourment.

As formas femininas opulentas prevaleciam no gosto da época, e são vistas em várias obras de Rubens.



A paisagem clara e luminosa é dominada pelos dois carvalhos batidos pelas intempéries em primeiro plano, os quais se destacam contra o céu nublado e fazem ampliar a distância e a extensão do horizonte.

Paisagem com dois
carvalhos

Jan Van Goyen
óleo sobre tela, 85,5 cm x 110,5 cm, 1641
Rijkmuseum, Amsterdam

Retrato de uma menina em azul

Johannes Cornelisz Verspronck

óleo sobre tela, 82 cm x 66,5 cm, 1641
Rijkmuseum, Amsterdam

Verspronck foi aluno de Franz Halls e o mais original retratista de Amsterdã. Segundo a crítica, porém, este é um dos retratos independentes do pintor, no qual distancia-se do mestre: destaca-se na obra a suave expressão da menina francamente iluminada pela luz que vem da esquerda e cria um fundo quase neutro, dividido em uma zona dominante de sombra e outra menos intensa de luz.





É difícil escolher um dentre os quadros de Lorrain com suas paisagens arrojadas, suas arquiteturas monumentais, seus crepúsculos intensos. Este é um dos mais representativos, mas sua obra é invariavelmente assim, grandiosa...

Porto marítimo com o embarque de Cleópatra em Tarso

Claude Lorrain

óleo sobre tela, 1,17m x 1,47 m, 1642

Louvre, Paris

As Meninas

Diego Velázquez

óleo sobre tela, 3,18 m x 2,76 m, 1656

Museu do Prado, Madri

A obra-prima de Velázquez.

O pintor se retrata diante de uma tela na qual pinta a Infanta Margarida cercada de suas damas de companhia. Ao fundo, um espelho revela que fora da cena estão os reis, pais da infanta, observando a cena.

Uma personagem cruzou todo o espaço e parou no vão da porta, ao fundo, voltando-se para olhar.

A perspectiva amplia o espaço do espectador, convidando-o a entrar na pintura.





Vista de Haarlen

Jacob Van Ruizdael

óleo sobre tela, 43 cm x 38 cm, ±1670
Rijkmuseum, Amsterdam

Haarlen era conhecida pelas casas de alvejamento de linho que havia nos arredores, e defronte as podem-se ver em primeiro plano peças de linho estendidas.

Esta vista da cidade foi retratada várias vezes por Ruizdael, com ênfase na descrição minuciosa da cena.

Grande paisagista, torna-se difícil escolher uma dentre suas muitas paisagens mais representativas de seu estilo.



Paisagem com árvore morta

Jacob Van Ruizdael

óleo sobre painel, 24,5 cm x 20 cm, ±1670
Hermitage painting collections

Um quadro de pequenas dimensões, porém extraordinário!

A árvore morta, em primeiro plano, recebe os últimos raios de sol do dia. No plano intermediário ainda há luz, mas as personagens sentadas na relva estão na sombra.

Ao fundo, a noite se avizinha.

A obra é intensa, visceral, mas ao mesmo tempo nos fala de transitoriedade e fim. Uma das pinturas mais impressionantes de Ruizdael.



A Criança Doente

Gabriel Metsu

óleo sobre tela, 33,2 cm x 27,2 cm, Séc. XVII
Rijkmuseum, Amsterdam

Delicada pintura retratando uma criança enferma no colo de sua mãe, que a observa com desvelo e preocupação.

É um de seus mais famosos quadros, em que a figura dominante da mãe com a criança aparece em um plano quase único: note-se o recurso de inserir na parede ao fundo um quadro e um mapa, para proporcionar uma certa profundidade à cena.

A Conceição do Escorial

Bartolomé Esteban Morillo

óleo sobre tela, 2,6 m x 1,44 m, séc. XVII

Museu do Prado, Madri

O rosto, muito lindo, é o de uma adolescente. Apesar das mãos postas e do olhar voltado para o alto, não há neste retrato uma espiritualidade que transcenda a carne, aqui não está representada uma santa, mas uma menina a quem ensinaram a rezar.



Íncubo

Heinrich Füssli

óleo sobre tela, 75,5 cm x 64 cm, 1781

Museu Goeth, Frankfurt



A brancura das vestes e dos lençóis, bem como da pele da mulher adormecida, destaca-se contra o fundo sombrio, num contraste surreal de luz e sombra.

Um demônio travesso senta-se sobre o ventre da mulher e parece divertir-se em atormentá-la, mas o cavalo nos lembra um pesadelo mais terrível: não o do sono, mas o da morte.

Füssli aborda este mesmo tema, com poucas variações, em outra pintura.



Sobressai na pintura de David a soberba representação anatômica, os tecidos e as roupas com suas numerosas dobras, a grandiloquência dos gestos. Neste quadro, os três irmãos Horácios, de Roma, juram ao pai que irão derrotar Curiácios, de Alba.

O juramento dos Horácios

Jacques-Louis David

óleo sobre tela, 3,3 m x 4,27m, 1784

Louvre, Paris

Pescadores no mar

Willian Turner

óleo sobre tela
91,5 cm x 122 cm
1796

Clore Gallery for
the Turner
Collection, Londres



A crítica vê várias influências neste magnífico quadro, destacando como típicos de Turner a sensação de movimento e o brilho da iluminação.

Particularmente, eu destaco o efeito de profundidade obtido através da sequência formada pelo negrume das ondas em primeiro plano, pela imagem do barco em plano intermediário, dos rochedos a seguir, e da ilha ao fundo, cujo contorno se entrevê diluído na luz do luar.



La Maja Desnuda

Francisco Goya

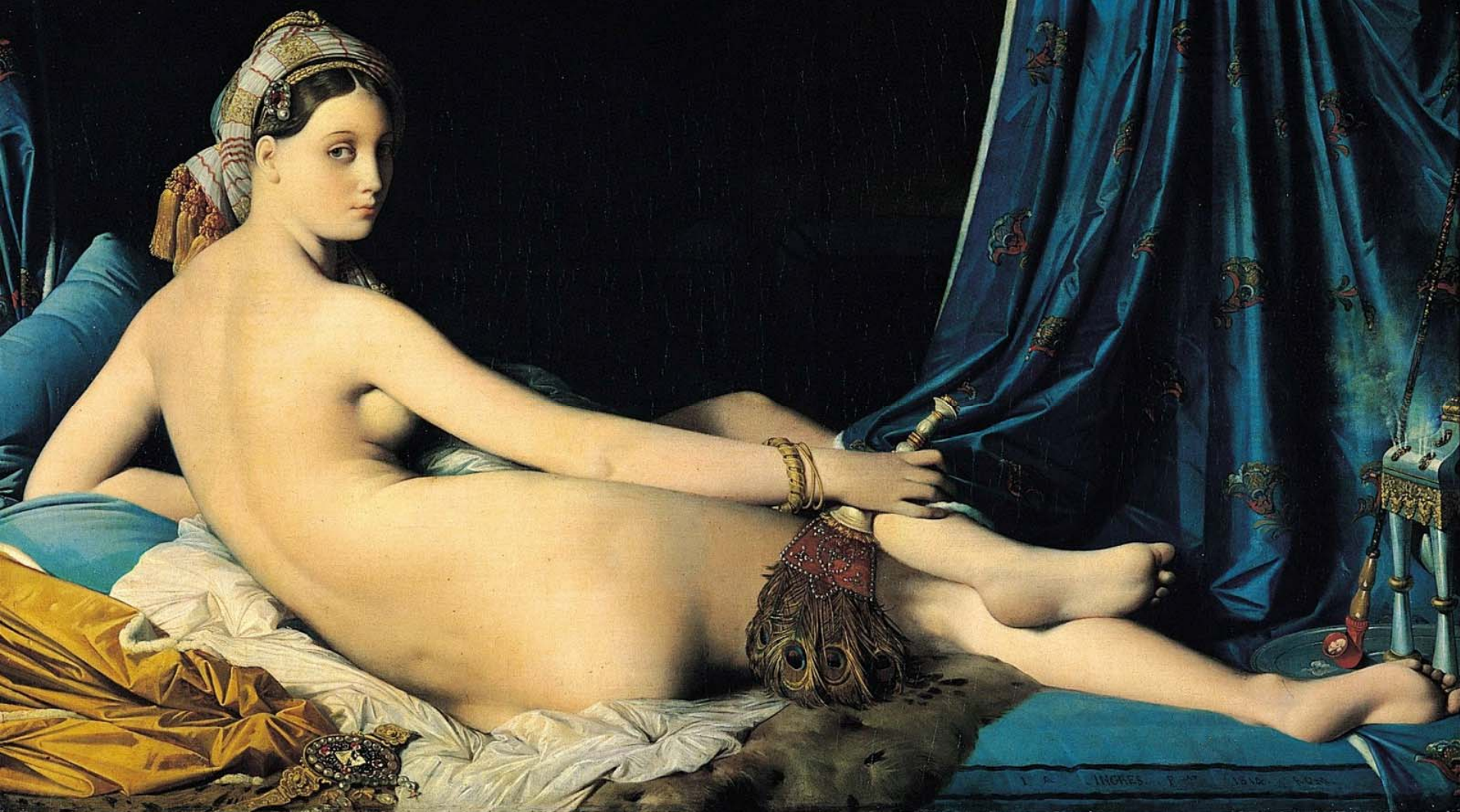
óleo sobre tela, 97 cm x 190 cm, 1796-1805

Museu do Prado, Madri

O quadro causou escândalo à época, tendo Goya sido convocado pela Inquisição em 1814 para explicar por que pintou um quadro “tão obsceno e imoral”.

A força do quadro não está propriamente na nudez, mas no conjunto formado pelo olhar inícuo, pela posição dos braços e do corpo reclinado e pela intimidade da alcova.

A modelo pode ter sido a Duquesa de Alba, mulher impulsiva e que sentia grande atração por artistas, e com quem Goya parece ter tido um caso amoroso.



A Grande Odalisca

Ingres

óleo sobre tela, 0,91 m x 1,62 m, 1814
Louvre, Paris

Um crítico teria dito que Ingres acrescentara pelo menos umas três vértebras à sua odalisca, devido ao comprimento do dorso. Um comentário a essa observação foi que Ingres poderia tê-lo feito intencionalmente, para poder deter-se por mais tempo na composição de um nu tão soberbo!



Rudolf Von Arthaver com os filhos, contemplando o retrato da falecida esposa

Friedrich Von Amerling

óleo sobre tela, 1837

Österreichische Galerie, Viena

Temos aqui a placidez de um interior, em que o pai, cercado por seu filhos pequenos, contempla o retrato da esposa falecida: um momento de paz e integração familiar ao redor do símbolo materno.

Amanhecer após o navio encalhado

William Turner

aquarela,
34 x 36 cm,
1840

Galerias do
Instituto
Courtauld,
Londres.



(C) WahooArt.com - William Turner - Dawn after the wreck

A diluição das formas em Turner faz lembrar o impressionismo, porém o pintor inglês trata seus temas extraindo deles o máximo em dramaticidade.

Nesta belíssima aquarela, o cão solitário uivando na praia, num amanhecer claro e luminoso, expressa o horror do naufrágio ocorrido à noite, do qual o próprio cão parece ter sido o único sobrevivente.

O Banho Turco

Ingres

óleo sobre tela, 1,08 m diam.
1862

Louvre, Paris

Como de costume, Ingres explora o nu feminino, desta vez fartamente ilustrado por um conjunto de mulheres no banho, que se divertem com chá e música.

A mulher com aláude em primeiro plano lembra outra pintura de Ingres, a “Banhista de Valpinçon”.





O Nascimento de Vênus

Alexandre Cabanel

óleo sobre tela, 1,3 x 2,25 m, 1863

Musée Dorsay

Diferentemente da Vênus de Botticelli, vemos uma mulher lânguida e sensual despertando sobre as ondas num luminoso dia de verão. Vênus – deusa romana dos jardins e dos campos, posteriormente identificada com Afrodite, deusa grega do amor – nos aparece neste quadro como deve ser, uma divindade pagã e carnal, razão pela qual a versão feita por Cabanel está mais próxima do mito grego.



Vaca marrom no bebedouro

Giovanni Segantini

óleo sobre tela, 88 cm x 68,5 cm, 1867

Galeria Cívica de Arte Moderna, Milão

Um tema simples abordado com verdadeira maestria: em primeiro plano, fortemente iluminada pelo sol da tarde, a vaca bebe água, enquanto nuvens avolumam-se no céu. No plano intermediário — onde a presença humana se revela pequena diante da grandiosidade da natureza — o campo encontra-se na sombra dessas nuvens; há outras vacas; mais para o fundo, porém, e até o horizonte, toda a extensão encontra-se sob essa mesma luz intensa.

O quadro fica, assim, recortado pelas faixas horizontais de luz e sombra, do bebedouro, e das nuvens, mas essas faixas não se sobrepõem: a perspectiva dá a quadro uma profundidade e uma impressão de infinito.

Primavera

Jean François Millet

Óleo sobre tela

86 x 111 cm, 1868-73

Musée Dorsay



A maneira como a luz foi tratada neste quadro impressiona: vemos um céu de entardecer após a chuva, e o sol, que está à esquerda e se encaminha para o poente, abre caminho entre as nuvens ainda escuras e ilumina a parte central da paisagem, deixando as margens submersas na sombra. No entanto é primavera e as árvores reverdecem e as flores se abrem.



Waldnynphe

Paul Hermann Wagner

Óleo sobre tela

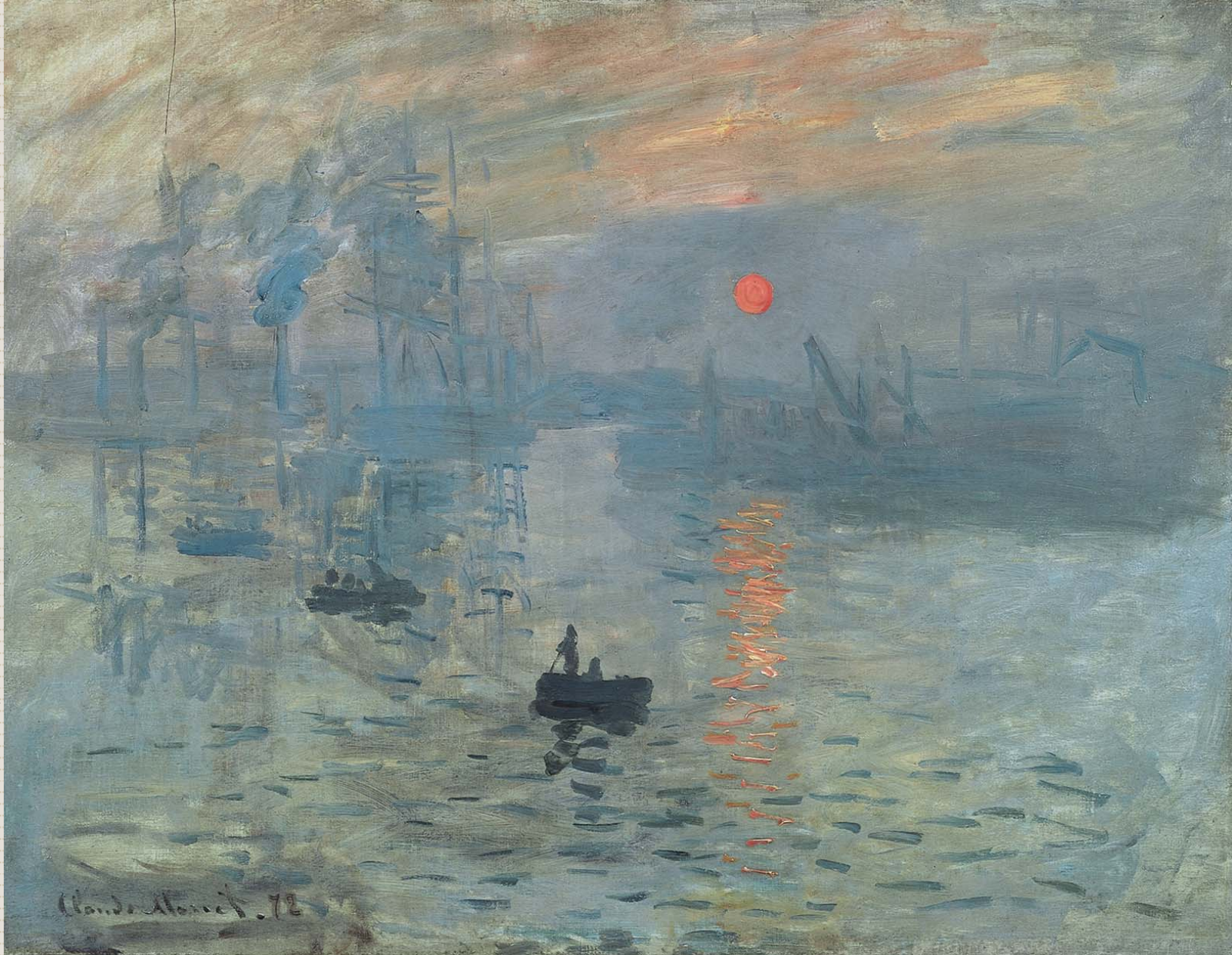
86,4 x 110,5 cm

1870

Coleção particular

A pequena ninfa domina a cena num plano entre o primeiro e o intermediário, e seu corpo luminoso destaca-se contra as rochas escuras e o verde da relva à sua volta. O fundo traduz a espessura da selva à direita, mas a luz do sol atravessa os galhos no centro, sugerindo espaços abertos e amplos além. A placidez da cena e a cálida beleza da deusa nos remete a uma espécie de Éden que talvez busquemos, mas que estará sempre fora do nosso alcance. Alia-se a isso uma composição e uma precisão técnica magistrais.

A silhueta escura de um pequeno bote em primeiro plano destaca-se contra um fundo impreciso, de pinceladas largas e parcialmente diluídas. Mais ao longe, outros botes e os mastros de alguns navios. O Sol, não no crepúsculo, mas no alvorecer, confere as únicas cores quentes nesta manhã nebulosa e fria. Crê-se que foi o título desta pintura que deu nome ao movimento da época, “Impressionismo”, do qual Monet foi um dos maiores representantes.



Impression, soleil levant

Claude Monet

Óleo sobre tela

48 cm x 63 cm, 1872 – Musée Marmottan Monet, Paris



O Passeio, Mulher com Sombrinha

Claude Monet

Óleo sobre tela

100 cm x 81 cm, 1875

National Gallery of Art, Washington

Diluídos na luz que provém do céu claro ao fundo, em pinceladas soltas e ligeiras, a jovem parece flutuar, quase imaterial, sobre a relva, enquanto se volta para o retratista.

Partindo da sombrinha ao alto até a extensão da sombra da jovem sobre a relva, a tela é dividida ao meio por uma linha curva que dinamiza o quadro e faz surgir uma suave brisa.

O menino aparece como um expectador curioso (e quase surpreso) da cena.



A Ilha dos Mortos

Arnold Böcklin

óleo sobre tela, 0,8 m x 1,5 m, >1880
Museum der Blindenden Kunst

Mostramos aqui duas versões dessa pintura. Em ambas, os altos paredões rochosos com suas criptas e os imensos ciprestes, tendo em volta um mar tranqüilo, exprimem um lugar de eterno esquecimento. Quase se “escuta” o silêncio que há ali, e uma pergunta, uma dúvida inquietante, surge: o que haverá além daquelas portas abertas na rocha?



A Ilha dos Mortos

Arnold Böcklin
óleo sobre tela, 0,74 m x 1,22 m, 1880
Museu Metropolitano de Arte



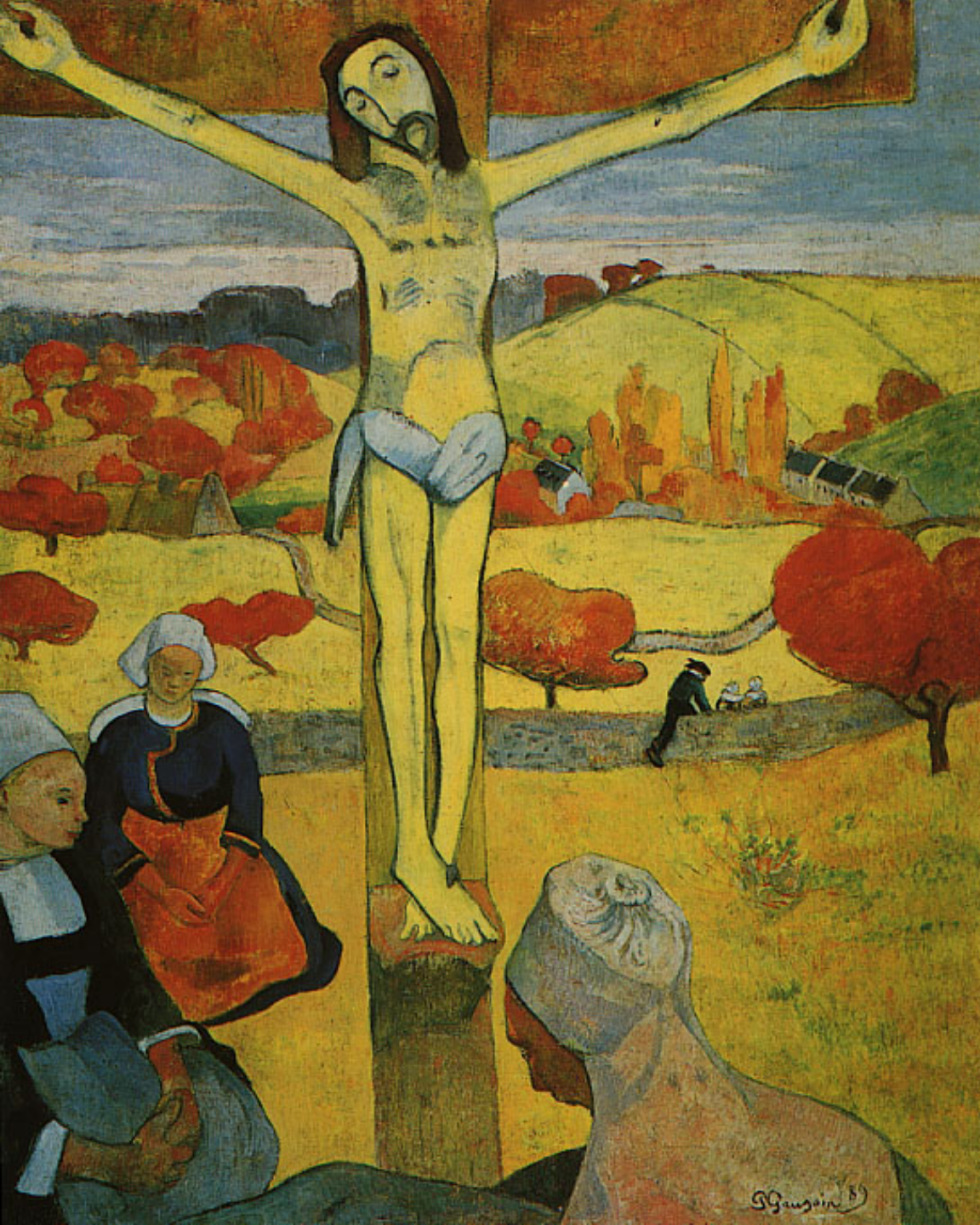
As Grandes Banhistas

Renoir

óleo sobre tela, 1,18 m x 1,7 m, 1887

Museu of Art, Filadélfia

Banhistas foi um tema que Renoir explorou. Nesta pintura transpiram alegria, divertindo-se em seu banho, enquanto a luz faz sobressair a pureza de sua nudez.



O Cristo Amarelo

Paul Gauguin

óleo sobre tela, 93 x 73 cm, 1889

Galeria de Arte Albright-Knox, Buffalo.

O quadro mostra a crucificação tendo como fundo os campos da Bretanha, onde algumas camponesas se ajoelham.

O quadro sugere uma integração de Cristo com o mundo lembrando a doutrina panteísta, pois vemos o corpo macerado e amarelo do filho de Deus perfeitamente limpo, porém as copas das árvores são vermelhas semelhante manchas de sangue a salpicarem os campos, como se a própria natureza sangrasse.



Trigal com corvos

Vincent Van Gogh

óleo sobre tela, julho de 1890 – Laren, Holanda

Última pintura do artista. Alguns dias depois de pintar o quadro, Van Gogh volta a esse trigal com um revólver na mão. É 27 de julho de 1890, um domingo, os grãos estão dourados, o céu muito azul e corvos sobrevoam o campo, fugindo em revoada. Ali, desfere um tiro contra o peito. É socorrido pelo filho do Dr. Gachet, e está lúcido e tranqüilo. Morre no dia seguinte com o Dr. Gachet ao seu lado e segurando a mão do irmão Théo, a quem cinco minutos antes dissera: “A miséria não tem fim”.

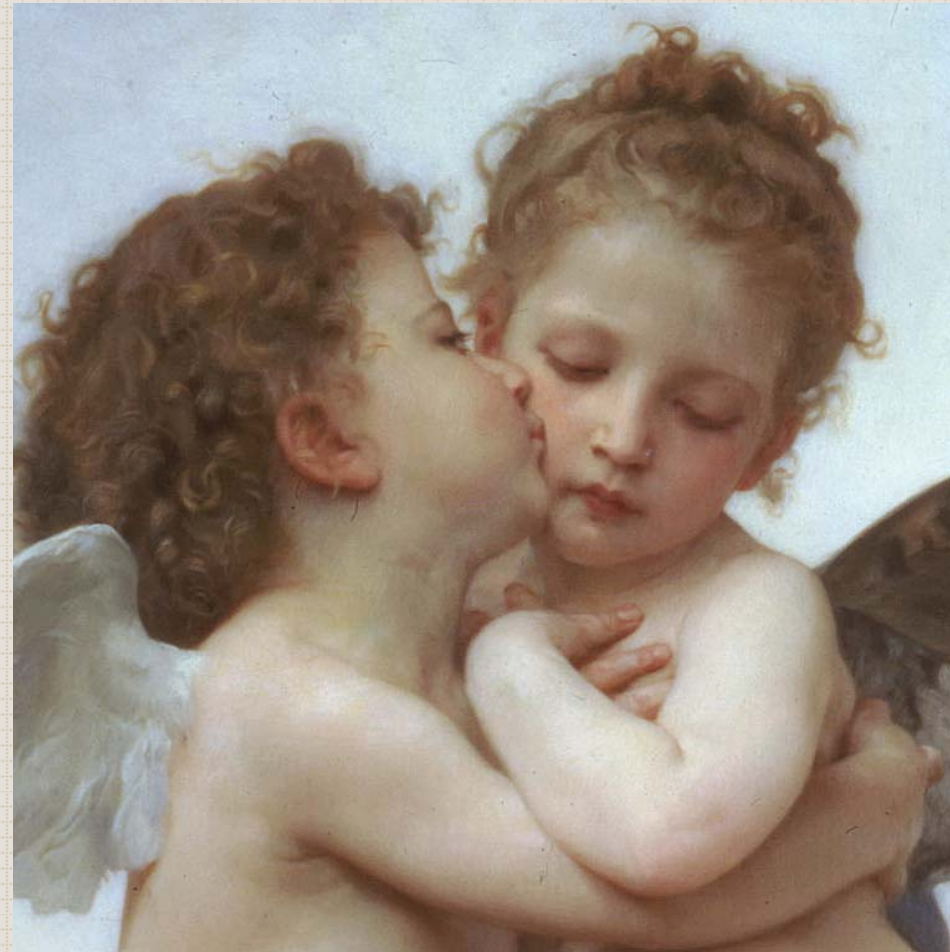
Eros e Psiquê

William-Adolphe Bouguereau

óleo sobre tela, 1890

Famoso quadro de Bouguereau representando as figuras mitológicas de Eros e Psiquê.

Bouguereau foi um dos grandes mestres da pintura clássica, cujos quadros exigiam do artista demorados estudos. Consta que após os cuidadosos e minuciosos preparativos que fazia, não obstante o mestre concluía o quadro rapidamente.



Cupido Molhado

William-Adolphe Bouguereau
óleo sobre tela, 1891

Bouguereau retratava meninos e meninas tanto em situações do cotidiano quanto em temas mitológicos. Os modelos eram reais, pois o mesmo modelo aparece em mais de um retrato.

Neste quadro, de grande expressividade e uma delicada sugestão de androginia, o menino é retratado como um cupido que acaba de sair do banho, e abraça a si mesmo como se estivesse frio.





Banhista sentada

Renoir

óleo sobre tela, 81 x 65 cm, 1892

Coleção Lehmann, Nova York

Nesta delicada pintura – mais uma de suas banhistas – podemos ver uma adolescente de rosto muito suave e o olhar baixo, como numa atitude de pudor ao posar despida para o artista.

A técnica impressionista evidencia-se pela pincelada livre e pela fixação da luz na pele da jovem. O fundo é composto por uma vegetação que se delineia a partir de pinceladas, ora longas, ora curtas, que parecem diluir-se nessa luz que tudo permeia.





O Grito

Edvard Munch

óleo sobre tela, 91 x 73 cm, 1893

Galeria Nacional, Oslo.

“Certa noite” Munch escreveu, “eu caminhava por uma via, a cidade de um lado e o fiorde embaixo. Sentia-me cansado, doente... O sol se punha e as nuvens tornavam-se vermelho-sangue. Senti um grito passar pela natureza; pareceu-me ter ouvido o grito. Pinte este quadro, pinte as nuvens como sangue real. A cor uivava.”

Trata-se de um quadro profundamente intimista: a cor uivava, a natureza gritava, mas somente o artista percebia, como se pode concluir pela aparente tranqüilidade dos plácidos caminhantes à esquerda, ao fundo.



Gioventu

Eliseu Visconti

óleo sobre tela, 65 cm x 49 cm, 1896

Museu Nacional de Belas-Artes, RJ

Uma adolescente desabrochando em sua feminilidade, tendo como fundo uma paisagem quase neutra e, ao redor, pombos: a simplicidade do tema, nas mãos do mestre Visconti, resulta numa obra eterna, como a Mona Lisa de Da Vinci e seu enigmático sorriso.

O enigma aqui, porém, é outro: a menina posa despretensiosamente para o pintor, e não se dá conta da fugacidade do momento presente — as aves que a cercam são o símbolo da inocência prestes a se perder, mas o seu vôo, o Tempo que em breve trará as marcas da corrupção.

As três idades da vida

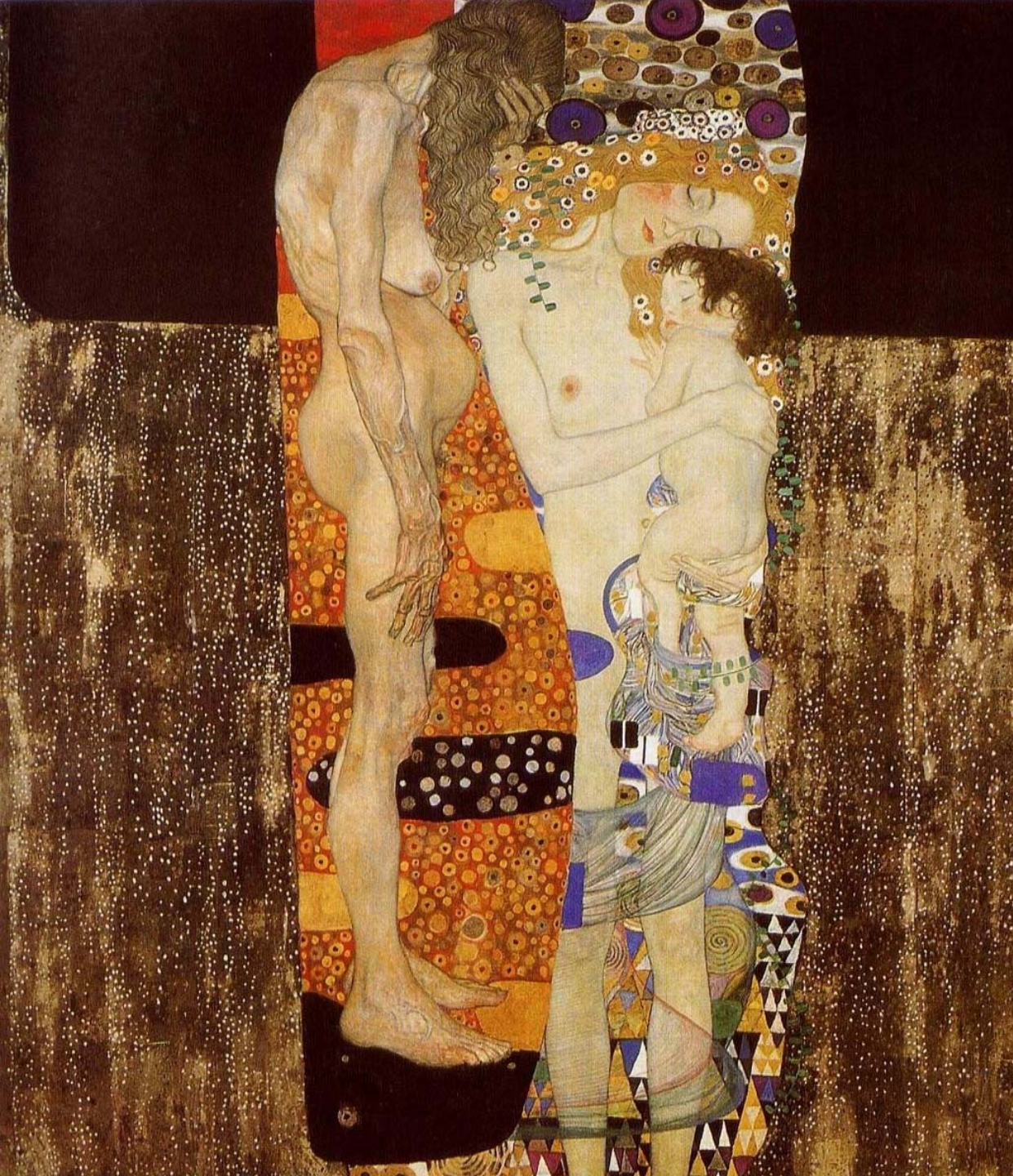
Gustav Klimt

óleo sobre tela, 1908

Galeria Nacional de Arte Moderna, Roma

O tema dispensa comentários, o quadro fala por si mesmo.

Apesar da bidimensionalidade da imagem, percebem-se nela dois planos, ambos tendo por fundo uma espécie de tapeçaria: o primeiro, em que aparece a velha, sobrepõe-se claramente ao plano em que vemos a jovem mãe com seu bebê. Essa divisão em planos não parece acidental: revela a mais íntima ligação ainda existente entre mãe e filho, ambos no mesmo plano, e um maior distanciamento entre a jovem e a velha, espacialmente separadas na pintura, e também no tempo.



As musas inquietantes

Giorgio de Chirico

óleo sobre tela, 97 cm x 66 cm, 1916

Milão, coleção particular

O surrealismo de Chirico exerceu forte influência em Salvador Dalí, e neste quadro encontramos alguns elementos que Dalí retomaria em suas pinturas: as perspectivas profundas, as sombras longas, a intensidade das luzes...

Aqui, estamos diante de uma paisagem urbana, mas que cidade será essa? Decerto é quase crepúsculo, e o silêncio que “transpira” da imobilidade das figuras em primeiro plano, não musas mas manequins e estátuas, dos prédios e da explanada deserta sugere-nos uma angustiante impressão de que estamos penetrando numa cidade-fantasma...





Chamonix, o Monte Branco

Oskar Kokoshka

óleo sobre tela, 1916

Staatlichen Kunsthalle, Karlsruhe

Em pinceladas soltas e cores transparentes, o Monte Branco sobrepõe-se, porém com leveza, à cidadezinha aos seus pés. O dia parece não ter fim, assim como a luz, que confere à paisagem uma dimensão de fantasia.

Periferia

Egon Schiele

óleo sobre tela

1,45 m x 1,14 m, 1918

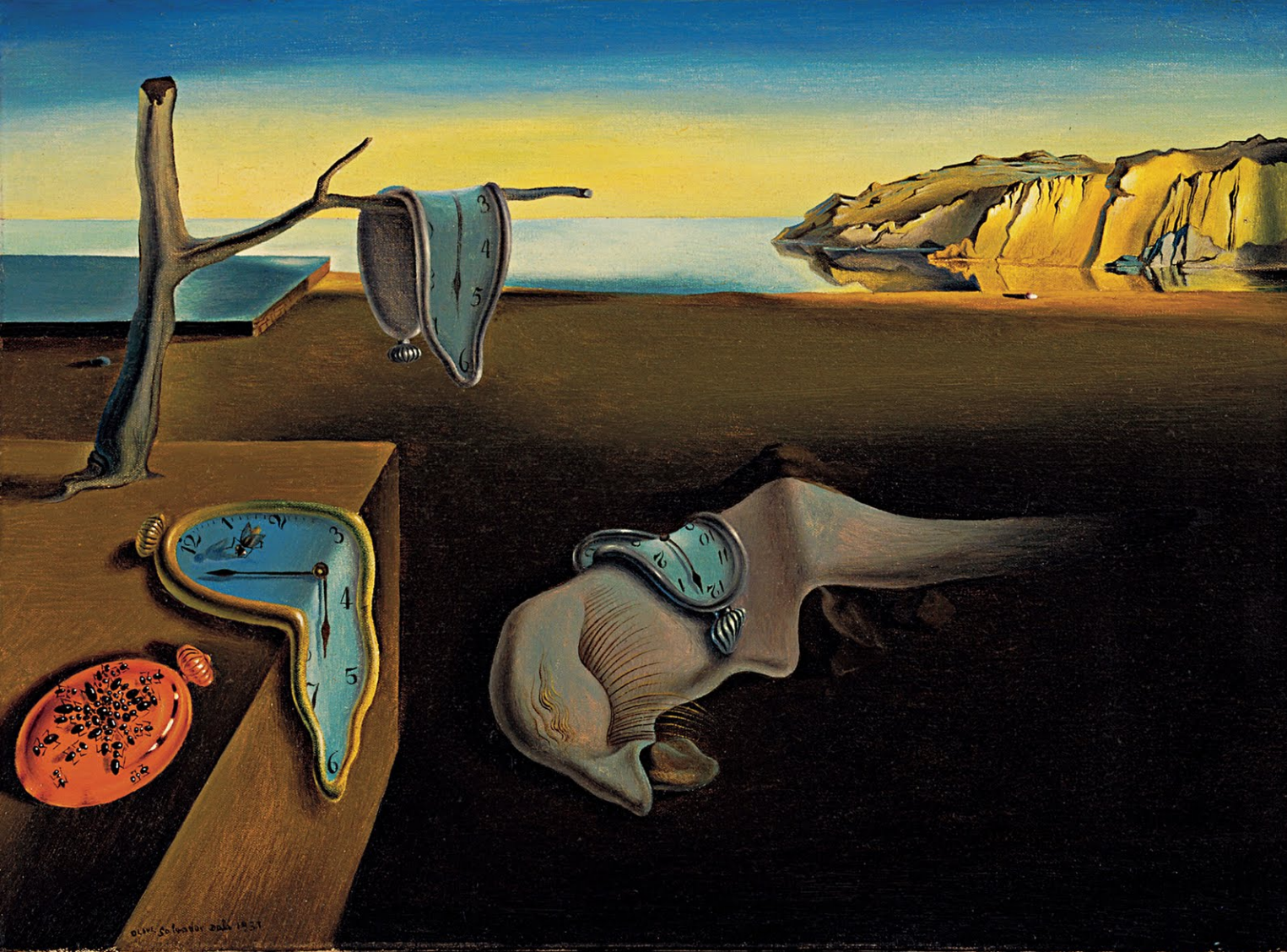
Nova Galeria do
Museu Municipal,
Graz



Aqui também temos uma paisagem urbana, em que as casas se concentram em uma curva dinâmica, no meio do quadro. As cores intensas realçam a quase tragédia da vida gregária com seus eternos conflitos, e as pessoas se tornam minúsculas figuras impotentes diante dessa imensa força!

A Persistência da Memória

Salvador Dali
óleo sobre tela
24 x 33 cm, 1931
Museu da Arte
Moderna, Nova York)



Dali falava de uma obsessão sua pela flacidez, e disse ter tido a idéia desses relógios enquanto comia um succulento queijo Camembert: “Os famosos relógios moles são meramente o Camembert crítico-paranóico, macio, louco e solitário do tempo e do espaço”, teria escrito em 1935, talvez numa alusão à estrutura flexível do espaço e do tempo pós-relatividade.

Vemos na tela um relógio sendo devorado por formigas, com o mostrador virado para baixo. Uma alusão à transitoriedade da vida e da incerteza de sua duração... ou medo de vir a sofrer de impotência sexual?

Prenúncios da guerra civil

Salvador Dali

óleo sobre tela, 100 x 99, 1936
Museu de arte da Filadélfia

O título completo é “Construções moles com feijões cozidos, prenúncios da guerra civil”. Foi pintado seis meses antes da guerra civil na Espanha. “Por toda a Espanha martirizada” o pintor evoca, “pairava um cheiro a incenso de carne de vigário queimada, de carne espiritual esquartejada, misturada com o cheiro de cabelos e com o suor da promiscuidade da carne convulsiva e lasciva das multidões a fornicarem uns com os outros, e com a morte”.

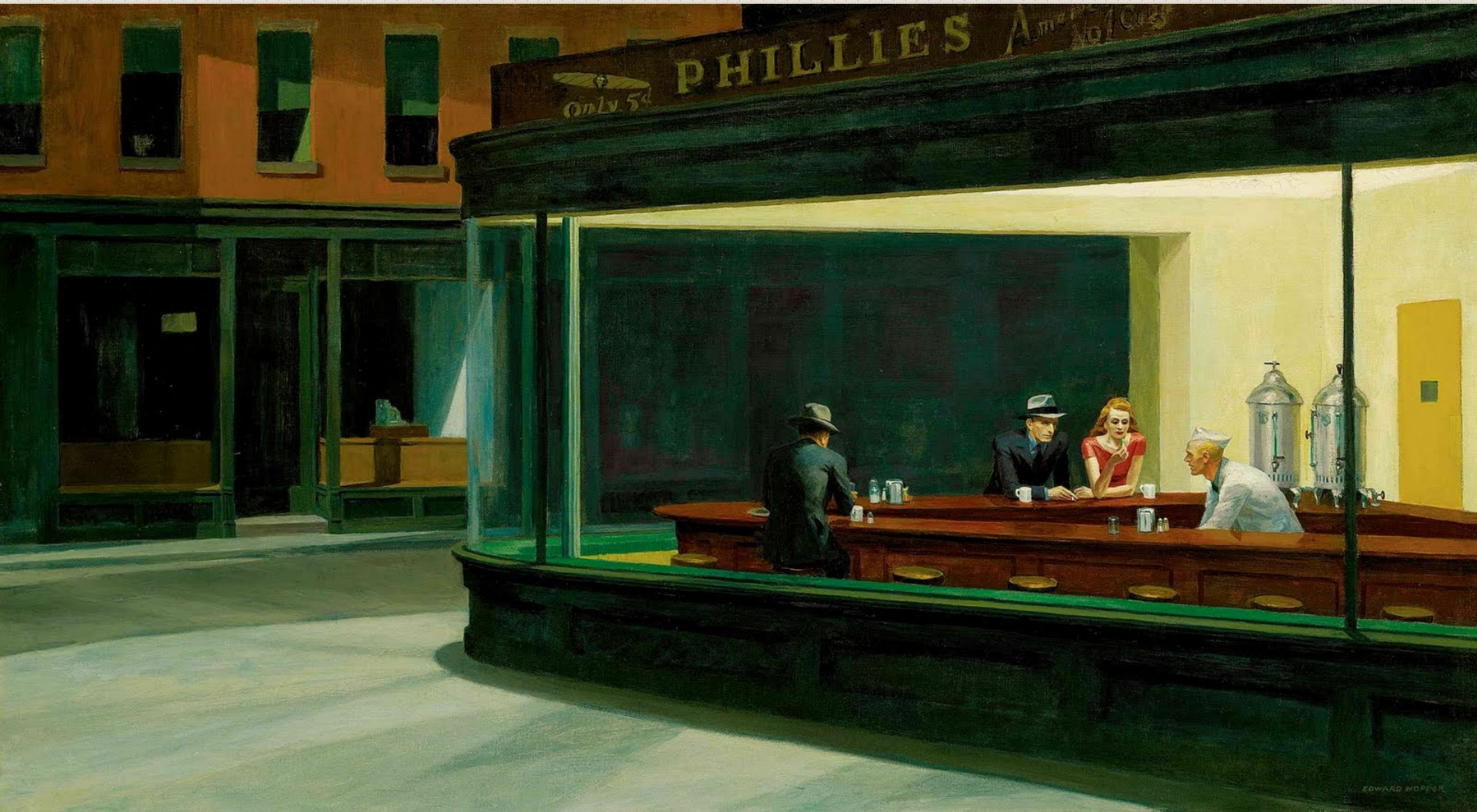


Notívagos

A pintura de Hopper se caracteriza pela intensa solidão que exprime. Este é um bar noturno onde cada personagem parece recolhida em seu próprio mundo: o homem de costas está só; a mulher olha para uma cédula em sua mão e o homem ao seu lado permanece calado. O balconista, a única personagem sem alma (?) da cena, levanta o rosto como para dizer alguma coisa, mas ele não tem alma e nada para dizer. A luz forte no interior do bar contrasta com as sombras fora, o que acentua o clima de solidão.

Edward Hopper

óleo sobre tela, 84 cm x 152 cm
1942, Instituto de arte de Chicago



Retirantes

Cândido Portinari

óleo sobre tela, 1,9 m x 1,8 m, 1944
Museu de Arte de São Paulo

A tragédia da seca é retratada de forma intensa nessa pintura, em que, ao mesmo tempo em que a miséria vence o sertanejo obrigando-o a retirar-se, ele resiste e permanece vivo exibindo sua magreza e a rigidez quase cadavérica de seus músculos destruídos.



Corpus Hiperbus

Salvador Dalí

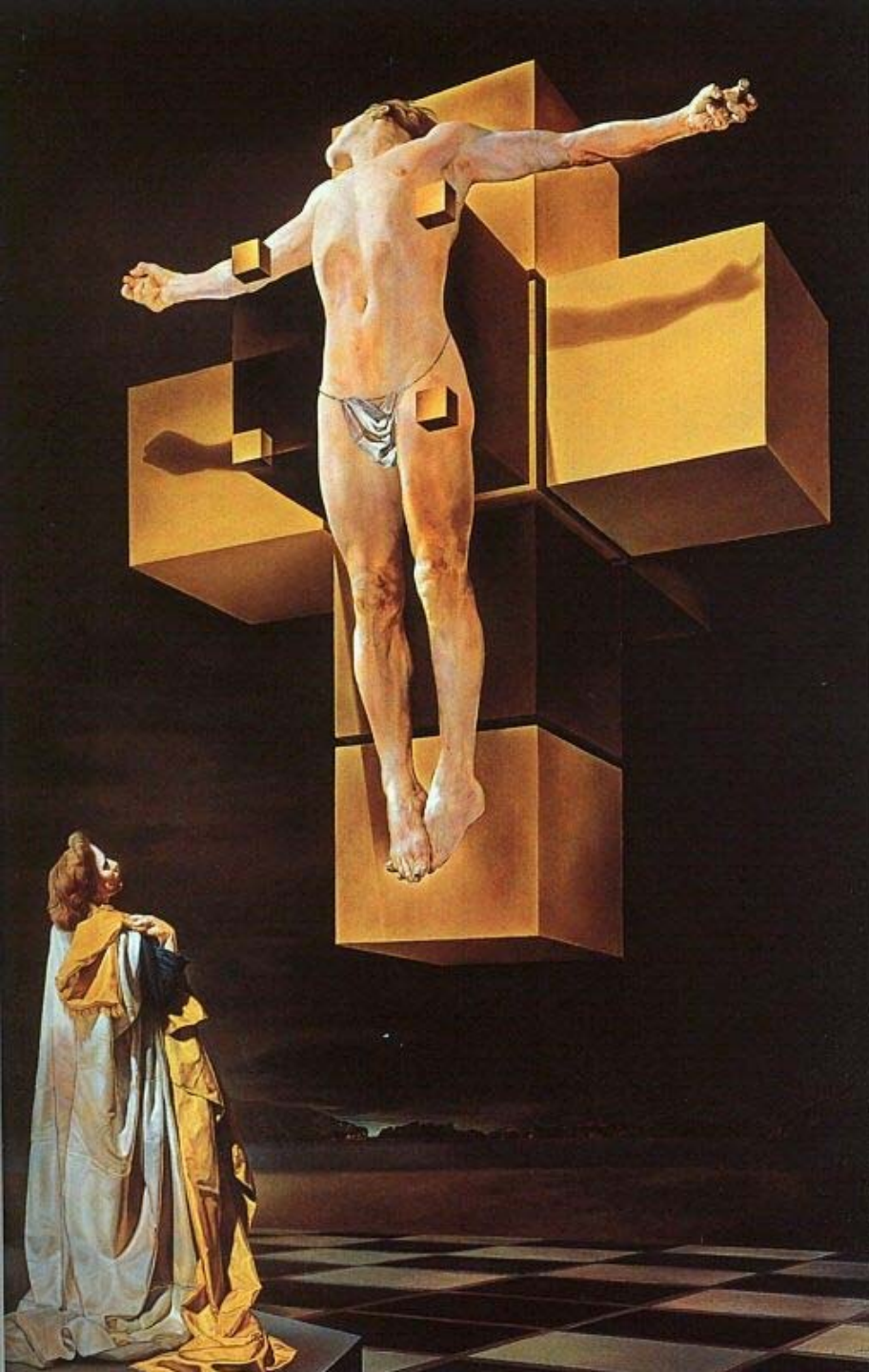
óleo sobre tela, 1,94 m x 1,24 m, 1954

The Metropolitan Museum of Art

Nova York

Uma das arrojadas crucificações feitas pelo gênio do surrealismo: Cristo já não está na cruz, e a pureza de seu corpo inteiramente são mostra também que ele já ressuscitou. O quadro transcende a simples representação do suplício do Filho do Homem, mas reúne numa mesma pintura a crucificação, a ressurreição e a ascensão aos céus — uma nova dimensão, a divina: o hipercubo é, no mundo tridimensional, a sombra de um cubo em quatro dimensões.

Em primeiro plano, a Virgem é representada pela imagem de Gala, mulher do pintor.





O Grande Caminho

Friedensreich Hundertwasser

Acetato de polivinil sobre tela

1,62 x 1,6 m, 1955

Osterreichische Galerie, Viena

Uma das mais importantes e expressivas pinturas do século XX, na minha opinião. Penetre o espectador os caminhos formados por essas espirais dentro de espirais a atravessar desertos, florestas e pântanos, convergindo para um lago tranquilo a refletir o céu, no centro do que se pode considerar uma paisagem fantástica.

Ou será uma inesperada cidade medieval com suas pontes levadiças e suas fortalezas? Ou uma representação do cosmo com seus vórtices eternos?

O espectador é livre, dele é o caminho e a aventura.

Quem sabe esse quadro não representa o próprio percurso do homem ao longo de sua vida?



O Vale da Sombra da Morte

Zdzisław Beksiński

A perturbadora obra de Beksiński, artista polonês e um dos mais contundentes e expressivos pintores surrealistas, remete o espectador a uma espécie de inferno, que tanto pode ser o inferno bíblico quanto o inferno interior, profundo e desconhecido de cada ser humano.

Beksiński não dava títulos aos seus quadros: o título acima foi escolhido por mim por parecer-me que traduz perfeitamente os símbolos expressos na pintura.